

## Considerações sobre a Resiliência de Adolescentes Filhos de Alcoolistas no Contexto Familiar

Considerations on the Resilience of Adolescents Sons of Alcoholics in the Familiar Context

Eliana Mendonça Vilar Trindade<sup>1</sup>  
Liana Fortunato Costa<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Medicina da Escola Superior de Ciências da Saúde/FEPECS da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Brasília-DF, Brasil

<sup>2</sup>Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Brasília-DF, Brasil.

### Correspondência

Eliana Mendonça Vilar Trindade  
Edifício Fepecs, SMHN Quadra 501, Bloco A, Brasília – DF. 70710-904, Brasil  
elianavilar@yahoo.com.br

Recebido em 01/novembro/2011  
Aprovado em 20/setembro/2012

### RESUMO

Trata-se de um ensaio que busca ressaltar a importância da utilização do conceito de resiliência, na compreensão da realidade familiar vivenciada por filhos de alcoolistas, por meio de revisão assistemática da literatura. A identificação de processo de resiliência em família indica a necessidade de vê-la como uma unidade funcional. Em alguns momentos da vida familiar os processos resilientes podem estar mais aguçados em função de situações e pessoas com as quais a família esteja em contato. Fazemos referência a pesquisas com filhos de alcoolistas que evidenciam a presença de sofrimento psíquico associado a grande dificuldade de assumir o problema perante o grupo de pares e de dar um significado ao alcoolismo, mas também informam sobre quanto os adolescentes mantêm uma expectativa positiva de realização de sonhos e estabelecem metas futuras para suas vidas. Este foco na perspectiva da resiliência representa grande desafio epistemológico, pois implica em uma mudança de direção que se mostra redefinidora dos conflitos familiares.

**Palavras-chave:** Resiliência; Adolescente filho de alcoolista; Alcoolismo; Família.

### ABSTRACT

This is a text for reflection which aims at emphasizing the importance of the utilization of the resilience concept, on the appraisal of the familiar reality as experienced by sons of alcoholics, ... The identification of the resilience process in the family points to the need to regard it as a functional unit. In some moments of the familiar life the resilient processes may be more activated as a consequence of situations and persons with whom the family is in contact. We refer to researches made with sons of alcoholics which show a great deal of suffering with much difficulty to assume it next to his fellow mates and to give a meaning to alcoholism but, on the other hand, also inform about the positive expectation adolescents have for the fulfillment of their dreams and for the establishment of future goals in their lives. The approach in the perspective of resilience represents a great epistemological challenge, implying in a change of direction which may redefine familiar conflicts.

**Keywords:** Resilience; Adolescent son of alcoholic; Alcoholism; Family.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é ressaltar os benefícios de utilização do conceito de Resiliência, na compreensão da realidade familiar vivenciada por filhos de alcoolistas, por meio de revisão sistemática da literatura. Como método, foi realizado levantamento bibliográfico nas bases de dados PubMed/Medline, Lilacs, Scielo e PsicoInfo de artigos. Considerando-se a dinâmica familiar adversa destes adolescentes é crucial buscar subsídios numa perspectiva dos aspectos saudáveis que estão presentes neste grupo. Apesar de seu estado de risco, é importante salientar que grande parte dos filhos de dependentes de álcool é acenadamente bem ajustada<sup>1</sup> e, por isso, uma abordagem preventiva de caráter terapêutico e reabilitador pode ser de vital importância no desenvolvimento de filhos de alcoolistas. Tal abordagem depende da valorização crescente de novos esforços institucionais responsáveis pela promoção de saúde em diferentes setores da sociedade<sup>1</sup>.

Sem dúvida, a investigação de aspectos saudáveis dos seres humanos promove a reflexão sobre processos que explicam a superação de adversidades. Respostas resilientes representam a possibilidade de construção de interações mais saudáveis em contextos que oferecem condições de relações instáveis, conturbadas e com intenso sofrimento<sup>2</sup>. Aliado a teorias da psicopatologia, desenvolvimento e estresse, o conceito de resiliência foi definido a princípio como um conjunto de traços de personalidade e capacidades que tornavam invulneráveis as pessoas que passavam por experiências traumáticas e não desenvolviam doenças psíquicas, caracterizando assim, a qualidade de serem resistentes<sup>2</sup>.

Originário das Ciências Físicas, a utilização do conceito de resiliência no campo das Ciências da Saúde data da década de 70, com estudos sobre pessoas que a despeito de terem sido submetidas a traumas agudos ou prolongados – fatores estes considerados de risco para o desenvolvimento de doenças psíquicas - não adoeciam como seria o esperado<sup>2</sup>. Mais especificamente, as pesquisas com enfoque na família são, em sua maior parte, de caráter exploratório descritivo e comparativo, dos fatores de risco que dificultam e dos fatores protetores que facilitam a emergência da resiliência<sup>2</sup>.

Alguns autores tomando como base a teoria do estresse e adaptação estudaram a resiliência no âmbito da família, considerando esta última em sua

totalidade, submetida a desafios próprios do ciclo vital e outros inesperados<sup>3</sup>. Estes autores definiram a resiliência familiar como um processo de adaptação aos eventos estressores que ultrapassa o simples ajustamento, pois envolve a mudança de crenças e de visão do mundo. Enfatizaram que este processo passa pelos recursos internos da família e os externos da comunidade, levando-se em conta ainda o fator espiritual<sup>3</sup>.

Nesta mesma linha de pensamento, a corrente sistêmica da literatura definiu a resiliência familiar como um processo de superação de desafios, trazendo como resultado o crescimento e a transformação pessoal. Salientou a importância dos processos de comunicação, das crenças e da organização familiar<sup>4</sup>.

Observamos, entretanto, que de modo geral, a literatura mais abundante neste tema é caracterizada por uma grande ênfase nos riscos de adoecimento e nas dificuldades comportamentais e afetivas de filhos de alcoolistas<sup>5</sup>. Tal visão reflete uma realidade, considerando-se que inegavelmente o alcoolismo tende a afetar a família como um todo. Filhos de alcoolistas têm um risco aumentado para o desenvolvimento da dependência química, bem como para transtornos psiquiátricos, quando comparados com outras crianças; sendo que filhos de alcoolistas têm um risco aumentado em quatro vezes para o desenvolvimento do alcoolismo<sup>6-8</sup>. Também é um grupo com maior chance para o desenvolvimento de depressão, ansiedade, transtorno de conduta e fobia social<sup>9,10</sup>.

Porém, neste texto nosso empenho é de mostrar que, apesar da vivência patogênica associada a presença de sofrimento familiar, esse grupo também apresenta potencial de saúde psíquica a ser estimulado. Tomamos como referência a pesquisa de Trindade<sup>1</sup> que buscou realizar uma crítica conceitual de grande parte da literatura existente referente a filhos de alcoolistas, já que neste âmbito os adolescentes filhos(as) de alcoolistas estão sempre associados a múltiplos sintomas psicológicos e psiquiátricos, sendo vistos como indivíduos traumatizados<sup>8-10</sup>.

No entanto, queremos ressaltar esta outra perspectiva, na qual as vivências dos filhos de alcoolistas também podem significar oportunidades de crescimento, de novas perspectivas, além das relações de conflito e sofrimento. E, para tal, o conceito de resiliência, bastante pesquisado atualmente no campo da psicologia positiva, pode abrir um

universo de possibilidades, de possíveis ganhos na medida em que tais indivíduos passam a serem reconhecidos e reforçados em seus recursos psíquicos, emocionais, familiares, existenciais e também em suas relações de pares<sup>5,11-13</sup>.

### O Conceito de Resiliência

Resiliência é frequentemente referida por processos que explicam a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações segundo a literatura<sup>2-4</sup>. A resiliência vem sendo bastante discutida do ponto de vista teórico e metodológico por se tratar de temática que vem despertando bastante curiosidade e interesse em pesquisadores e clínicos de modo geral<sup>5</sup>.

A resiliência como metáfora oriunda da física tem se mostrado como campo de pesquisa bastante fecundo, na área de saúde, capaz de revelar aspectos não investigados, a partir de outro enfoque. Aliás, a palavra resiliência se refere à capacidade dos materiais de voltar à sua forma, quando são forçados a se deformar. O estudo da energia investida na deformação sem ruptura aprofundou-se em relação aos metais e às consequências dos choques entre objetos<sup>14</sup>. O dicionário de língua portuguesa de autoria de Ferreira<sup>15</sup>, conhecido como Novo Aurélio, diz que na Física, resiliência “é a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica”. No sentido figurado, o mesmo dicionário aponta o termo como “resistência ao choque”.

A resiliência pode explicar como algumas crianças e adolescentes podem lidar com grandes obstáculos e dificuldades de vida, enquanto outras acabam por se tornarem vítimas de experiências ambientais<sup>16</sup>. É importante assinalar, entretanto que este conceito de resiliência associado a traços de personalidade caracteriza-se por sua concepção individualista e não relacional. Apresenta-se como uma concepção excludente, pois nem todos teriam tantos talentos.

Já o conceito de resiliência numa perspectiva sistêmica abre grandes possibilidades em termos de novos olhares sobre estes adolescentes. Pesquisas nesta área identificam quais os fatores gerais que permitem aos jovens, apesar da exposição a diferentes tipos de adversidade, conseguir crescer e tornarem-se produtivos. Os resultados destes estudos não são conclusivos, ora valorizando

características psíquicas e internas ao sujeito, tais como inteligência e vocações, ora valorizando a dimensão mais relacional e interacional que situa a resiliência no campo das habilidades interacionais e dos recursos inerentes às redes sociais dos indivíduos<sup>17</sup>.

Um dos mais importantes fatores protetores aparece como sendo a presença de uma forte relação positiva com um adulto competente. Uma melhor vinculação entre o adolescente e os parentes não alcoólicos, por exemplo, poderia ser fonte de um ambiente estável e como possibilidade para uma mudança qualitativa para a saúde do adolescente<sup>9</sup>. Outra possibilidade, sempre no campo das interações, seria a construção de relações com figuras de autoridade, que podem estar encarnadas por um professor próximo e afetuoso, ou com os mais diversos profissionais de saúde. Os atendimentos ambulatoriais a alcoolistas devem estender sua ação aos familiares, numa perspectiva de reforçar os aspectos resilientes da circunstância. Não podemos esquecer que resiliência é contingente, provisória, imprevisível e dinâmica. Não deve ser visto como um conceito estanque e sob um enfoque individualista<sup>13</sup>.

A literatura<sup>19</sup> oferece outras perspectivas do conceito de resiliência intimamente ligado ao processo de desenvolvimento e crescimento humano, não estando condicionado ao nível socioeconômico e constituindo dimensão importante para a saúde mental e para a qualidade de vida. Este autor assinala a importância da promoção de fatores resilientes e implica em um profundo compromisso com uma realidade dinâmica. A forte associação deste conceito com temas ligados à saúde e não à doença justifica sua importância para nosso estudo e para uma epistemologia da saúde e não da doença<sup>10</sup>.

Autores da Teoria Sistêmica delinearam a importância de se olhar para o grupo familiar, sem esquecer a sua inserção e relação com a comunidade, e a necessidade de se incrementarem políticas de programas de apoio às famílias<sup>13</sup>. O termo resiliência em família refere-se a processos de adaptação e coping, enquanto a família é vista como uma unidade funcional<sup>17</sup>. Esta autora<sup>17</sup> propôs um panorama conceitual dentro de três aspectos necessários para um funcionamento familiar efetivo: sistema de crenças na família, padrões de organização e processos de comunicação.

“...o foco da resiliência em família deve procurar identificar e implementar os processos-chave que possibilitam que famílias não só lidem mais eficientemente com situações de crise ou estresse permanente, mais saiam dela fortalecidos, não importando se a fonte de estresse é interna ou externa à família. Desta forma, a unidade funcional da família estará fortalecida e possibilitada a resiliência em todos os membros”<sup>17</sup>.

### Resiliência em Filhos de Alcoolistas

A literatura<sup>19</sup> traz críticas ao que ele denomina epistemologia da patologia, traço que permeia grande parte da literatura na área. A epistemologia ou teoria do conhecimento compreende campo de saber associado à filosofia da ciência que busca decifrar e explicitar os pressupostos, as ideologias, as circunstâncias históricas, que interferem na natureza do conhecimento<sup>5</sup>. Em seu estudo utilizou o Modelo de Resiliência Diferencial, no qual examina dados qualitativos através de abordagem salutogênica visando compreender o fenômeno da resiliência em filhos de alcoolistas. Os resultados corroboram a importância do modelo no sentido de criar condições de se suprir melhor as necessidades de desenvolvimento de filhos de alcoolistas. A literatura<sup>19</sup> ressalta também a presença de comportamentos resilientes em filhos de alcoolistas, que conseguem superar grandes adversidades e desenvolvem características quase incomuns, como persistência, dedicação, respeito a normas e hierarquias, hábitos saudáveis, etc. Seus comentários críticos enfocam um maior foco na saúde, e denuncia como o continuado foco da literatura na patologia contribui para a falta de apreciação dos esforços individuais e familiares no enfrentamento do stress<sup>19</sup>.

A relação interpares representa grande fonte de prazer e deve ser apontada como aspecto fundamental. Os jovens necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de nós), fora de seu grupo familiar de origem, através de vários grupos de pares, seja em torno da música (rock, rap), outras atividades culturais, esportivas ou outras formas de expressão dos jovens no espaço público<sup>20</sup>. Com os adolescentes filhos de alcoolistas não é diferente<sup>5</sup>.

Fica claro que o bem-estar de filhos de alcoolistas está diretamente ligado e condicionado à abstinência do pai e à paz familiar, o que reduz sua disponibilidade para se focar em outras coisas<sup>5</sup>.

A diversidade da literatura<sup>21</sup> nos auxilia a compreender o movimento pendular destas famílias com relação ao conceito de competência familiar. Os adolescentes e suas famílias possuem intensa capacidade de visualizar coisas positivas na vida, o que se intensifica com os movimentos dialéticos de pertencimento e separação. Neste sentido, a resiliência como uma metáfora oriunda da física, parece ser bastante frutífera para as Ciências Sociais e para a Psicologia, por descrever fenômenos observados em pessoas ou em grupos que, apesar de viver em condições de adversidade, são capazes de desenvolver condutas que lhe permitem uma boa qualidade de vida. Tais famílias só se colocam problemas os quais elas consigam visualizar as soluções<sup>21</sup>.

Os membros da família tendem a proteger uns aos outros de informações dolorosas ou ameaçadoras por meio do silêncio, do segredo, e este bloqueio de comunicação cria barreiras para o entendimento, a tomada de decisão informada e a relação autêntica<sup>22</sup>. Segundo a pesquisa de Trindade<sup>5</sup>, os (as) adolescentes relataram de forma direta e indireta a presença de dimensões contrárias simultâneas, como um sofrimento que se evidenciava em vários setores da vida relacionados ao alcoolismo paterno, aliado a sentimento de esperança e uma perspectiva de mudança, marcada pelo foco no futuro. Paradoxalmente a vivência do sofrimento mobiliza caminhos e rotas bastante resilientes na vida destes adolescentes, se entendermos resiliência como a capacidade de se renascer da adversidade fortalecido e com mais recursos<sup>22</sup>.

O adolescente necessita de múltiplas fontes de apoio, sistema social e familiar, para atualizar seu potencial de saúde. Estudos com crianças desfavorecidas<sup>22</sup> demonstram a influência positiva de um relacionamento íntimo e protetor com um adulto que, acredite nelas e com quem elas possam se identificar, que as defendam e de quem possam obter força para superar as dificuldades.

A visão que os adolescentes desenvolvem em relação ao alcoolismo mostrou-se muito rica e plural, já que cada indivíduo busca construir sua visão do mundo através de estratégias próprias e olhares diferenciados<sup>5</sup>. Os modelos leigos exercem grandes influências nos olhares diante do alcoolismo e nas atitudes comuns para com os alcoolistas, na sociedade contemporânea<sup>23</sup>. Desta forma o alcoolismo é encarado como fonte de fracasso social, onde a influência do ambiente e dos amigos passa a ser determinante e podemos inferir que estas in-

fluências perpassam a experiência dos filhos (as) de alcoolistas.

Por isto, é importante ressaltar que a grande via de superação deste estigma passa pelo diálogo crítico, pela construção de informação, pelo vínculo efetivo com adolescentes, através de um enfoque na saúde e na mudança baseado em múltiplas redes envolvendo múltiplos sistemas e cenários: sistema familiar, educação e saúde. Os traços positivos de alguns indivíduos são favorecidos por algumas interações e dificultados por outras e que, portanto, é possível contribuir para construir as resiliências, segundo concepções sistêmico-ecológicas, evolutivas e contextuais, a partir dos diferentes grupos sociais e instituições da comunidade<sup>14</sup>.

A superação da visão preconceituosa diante da realidade do alcoolismo implica na possível superação do sofrimento e na construção de um olhar crítico que denuncie aspectos políticos e econômicos extremamente importantes, quando pensamos no lugar que a droga e o álcool ocupam na sociedade contemporânea. Os sistemas de crenças estão no cerne de todo funcionamento familiar e sociais e são forças poderosas na resiliência. Os sistemas de crenças abrangem amplamente valores, convicções, atitudes, tendências e suposições, que se misturam para formar um conjunto de premissas básicas que desencadeiam reações emocionais, informam decisões e guiam ações<sup>22</sup>.

O preconceito social acaba fortalecido por visões altamente depreciativas e moralistas do alcoolista. Este preconceito encontra atores nos mais diferentes lugares, dificultando as mudanças. Quando a família consegue transformar seu sistema de crenças, o adolescente pode enxergar o pai livre da carga dos estereótipos sociais associados ao alcoolista, o que é fundamental para a valorização do pai no sistema familiar. A compreensão crítica que adolescentes filhos de alcoolistas passam a adquirir do alcoolismo promove uma vivência mais saudável e protetora de sua relação com seu pai, o que é fundamental para seu desenvolvimento<sup>5</sup>.

### **A Expressão do Sofrimento em Famílias de Alcoolistas**

As expressões emocionais abertas fortalecem o potencial resiliente do sistema, pois permite o compartilhar de múltiplos sentimentos, a empatia nas relações, a tolerância às diferenças e a responsabilidade pelos próprios sentimentos e comporta-

mentos, o que torna o ambiente familiar mais prazeroso e bem-humorado<sup>17</sup>. A maneira como cada pessoa se comporta diante do sofrimento ou se cuida depende de convenções sociais; cada família possui uma linguagem própria de sofrimento e cada grupo constrói expectativas específicas sobre os motivos do sofrimento e, portanto, das práticas de alívio do sofrimento.

As complicações psíquicas como a irritabilidade, agressividade, prejuízo na compreensão e alteração da visão de mundo, provocam dificuldades no seu relacionamento familiar que vão se agravando com o tempo<sup>24</sup>. Os adolescentes acabam por transferir para o grupo familiar o sofrimento individual ou pelo contrário, introjetam e absorvem o sofrimento do grupo familiar<sup>5</sup>. Neste sentido, não se colocam como vítimas e sim como integrantes de um grupo caracterizado como sofrido. Recorremos mais uma vez a nossa experiência clínica para afirmar que o sofrimento é inegável e acaba sendo explicitado, quando os adolescentes são convidados a falar e descrever a família. O sofrimento acaba fazendo parte inevitável da identidade familiar, conceito oriundo da Teoria Dialética das Relações desenvolvida principalmente por Boszormenyi-Nagy e exposta em Boszormenyi-Nagy e Spark<sup>26</sup>. Queremos dizer que o sofrimento é inserido visceralmente na história familiar.

A identidade de família é considerada como sendo uma série de impressões compartilhadas, que a família constrói a respeito de si mesma e do mundo exterior, e que representa quase sempre valores e condutas herdadas das gerações anteriores, e em parte, inovações do casal. Não só a família possui responsabilidade sobre estas construções. Advogamos que outros sujeitos que participam da história familiar, como outros parentes ou amigos ou a rede social de pertencimento, também devem ser incluídos nas desconstruções e reconstruções de histórias familiares e sua renovação de vínculos<sup>25</sup>.

“Neste sentido, o sofrimento representa um valor familiar e constitui elemento fundamental para a compreensão da psicodinâmica individual e familiar, pois representa uma fonte de lealdade com grupo familiar e ao mesmo tempo representa um elemento estruturador de ideologia persistente marcada pela dor. Neste sentido, a família vira lugar de tristeza, o que deve ser considerado quando pensarmos em intervenções terapêuticas nestes sistemas. Sem entrar em uma luta de forças com a família, o terapeu-

ta deve ser porta-voz de sentimentos positivos, que transcendam a tristeza e deve ser um potencializador da resiliência intrínseca ao sistema familiar. A dialética da felicidade pode substituir a ideologia do sofrimento e dos lutos perenes”<sup>5</sup>.

Outro aspecto referente à gênese familiar do sofrimento em filhos de alcoolistas refere-se aos segredos familiares e aos bloqueios de comunicação, que aliás, fundam um contexto criador de não ditos ou meio ditos, terreno fértil para o surgimento de dependências de outras drogas. A literatura<sup>22</sup> revela que os filhos de alcoolistas apresentam déficits em todas as dimensões de competência comunicativa, tais como clareza comunicativa e autorreferência. Em contrapartida, a ativação de respostas resilientes depende sobremaneira do desenvolvimento da capacidade de expressão livre e autêntica dos sentimentos<sup>22</sup>.

Neste sentido, é crucial se pensar na necessidade da construção de espaços legítimos de fala para adolescentes filhos de alcoolistas, lugares onde o diálogo ocorra de forma natural e espontânea, e onde as palavras possam de fato ecoar e ter um significado relevante para eles e para os adultos responsáveis pelo processo. Como membro da família, o filho de alcoolista tem um ponto de vista, tem uma percepção quanto aos acontecimentos. Entretanto, nesse sistema vulnerável, as perspectivas não são livremente discutidas ou compartilhadas com pessoas de dentro ou de fora da família. O único modo de conhecer a semelhança ou divergência entre nossas perspectivas e a dos outros é a comunicação explícita.

Na perspectiva sistêmica, o sintoma de um dos membros da família, tal como o fracasso escolar, é compreendido como fenômeno relacional com uma função no e para o sistema familiar, surgindo quando a família apresenta dificuldades no seu processo de desenvolvimento ao longo do ciclo vital. O sintoma, ao mesmo tempo, que regula o sistema, também denuncia suas dificuldade e enfrentar crises específicas e indica a necessidade de mudança no funcionamento familiar, devendo ser compreendido como uma busca de solução para as dificuldades vividas<sup>27-29</sup>. Esta literatura<sup>30,31</sup> vai assumir uma postura de indicar prioritariamente o atendimento familiar para aquelas famílias com problemas de drogadição, e aí consideramos também o alcoolismo. A mudança em um membro da família desestabiliza o sistema e promove condições para que outras mudanças possam ser absorvidas e expressas.

### **A importância da Figura Materna na Manutenção da Homeostase Familiar e como ativadora de Mecanismos Resilientes**

A figura materna nestas famílias parece ser fundamental para a manutenção de um equilíbrio, ou para a redução de danos psicológicos nos filhos, ou como ativadora de mecanismos resilientes, o que vai depender do grau de saúde psíquica destas mulheres. As características emocionais e comportamentais de crianças filhas de alcoolistas, tais como timidez, retraimento e insegurança, possivelmente contribuem para que estas crianças sejam agarradas às mães<sup>22</sup>. Dentro desta perspectiva, pode-se pensar na hipótese de que as mães muitas vezes não tenham tempo e disposição psicológica para atender às necessidades das crianças e adolescentes ou de que as mães sejam superprotetoras, podendo assim estar moldando essa dependência e insegurança nos filhos.

Nas famílias, objeto do estudo de Trindade<sup>5</sup>, observa-se, em primeiro lugar, que o alcoolista reage cronicamente aos efeitos do álcool, e depois a mulher codependente acaba por viver em função deste constante desequilíbrio gerado pelo ciclo sobriedade-embriaguez. Os filhos acabam coligados com a mãe. O conceito de codependência nos ajuda a visualizar a dinâmica que se instala em alguns contextos familiares. O cônjuge codependente fica aprisionado no papel de controlador do alcoolista, o que gera um círculo vicioso expresso por um padrão comunicacional disfuncional marcado por mentiras, segredos e duplos vínculos. Quanto mais a mulher pede para o marido não beber, ele se sente impelido a beber mais; o comando “não beba” ressoa paradoxalmente como um convite a mais um gole. A codependência surge como um fenômeno relacional gerado pelo alcoolismo. A adolescente. O risco desta postura codependente é que ela contamine as suas futuras relações afetivas.

O grande potencial de mudança está presente em famílias marcadas pela presença do alcoolismo<sup>32</sup>. A literatura<sup>32</sup> ao lidar com o tema da violência intrafamiliar, acaba por analisar as correlações importantes entre violência e alcoolismo paterno. A experiência com Grupos Multifamiliares foi possível observar que, na dinâmica de muitas famílias, é patente o grande poder que a mulher tem dentro de casa, centralizando a direção da expressão da violência. Esta autora afirma que os maridos muitas vezes são colocados em espaço periférico de interação, e o relacionamento afetivo mais intenso se

passa entre mães e filhos. A mãe muitas vezes “salva” o filho do pai bêbado, ou escolhe estar com um filho em detrimento do abandono de outro filho que se encaminha para o tráfico de drogas. No entanto, este poder pode fazer toda a diferença, já que ela centraliza o potencial de mudança, influencia na tomada de decisões e permanece mais vinculada aos filhos buscando gerenciar possíveis iniciativas de melhoramento do padrão da vida familiar.

### Os Papéis Vivenciados pelos Filhos nestes Sistemas

Os padrões de organização da família são fundamentais para a promoção da saúde da família, tais como o nível de flexibilidade e a capacidade para lidar com mudança, reorganização e adaptação. É importante que o sistema familiar tenha um mínimo de estabilidade, sentimento de continuidade e rotinas<sup>17</sup>.

Os papéis vivenciados pelos filhos dependem sem dúvida do nível de coesão familiar, da existência do apoio mútuo, colaboração e compromisso, o que nem sempre é vivenciado em famílias de alcoolistas<sup>5</sup>. A dinâmica familiar, nestas famílias, muitas vezes representa respostas criativas e resilientes do sistema familiar no enfrentamento das grandes adversidades geradas pelo alcoolismo. Por outro lado, a rigidez do sistema por representar um obstáculo para a superação das crises. Uma compreensão mais aprofundada dos papéis vivenciados pelos filhos de alcoolistas pode ser elucidativa no sentido de promoção de novas saídas mais resilientes para o sistema.

Os filhos desempenham alguns papéis específicos neste sistema marcado pela codependência<sup>33</sup>. O ‘herói’ da família é geralmente o papel desempenhado pelo filho mais velho. Tem uma conduta exemplar, cuida dos irmãos mais novos, bom aluno, aparentemente feliz. Com alguma frequência, logo que alcança autonomia, desliga-se da família. O ‘bode expiatório’ é aquele filho que se responsabiliza em desviar a atenção do alcoolista através de comportamentos desajustados. A ‘criança perdida’ é o filho solitário, geralmente o mais novo que comumente sente-se rejeitado<sup>33</sup>. A coligação entre mãe e filhos onera os filhos que passam a ficar parentalizados e vulnerabilizados excessivamente pelos conflitos conjugais<sup>5</sup>. Fica patente a presença de um sentimento de ambivalência oriundo da vivência de ser cuidado por uma mãe carinhosa, mas por outro lado percebê-la como alienada ou muito frágil.

A coligação pode inclusive engendrar relações simbióticas entre mãe e filho ou filha e entre pai e filha ou filho. Esta simbiose enclausura o indivíduo no sistema familiar e atrapalha o processo de diferenciação do próprio eu, já relatada na literatura<sup>34</sup>. Por outro lado, esta coligação pode ser vital para o sistema, pois um filho coligado pode impedir que o pai agrida a mãe.

Toda esta situação nos lembra o conceito de parentalização, dentro da família<sup>25</sup>. Na família parentalizada, o filho passa a cuidar dos pais, a ser “parentalizado”, a fim de responder às necessidades inconscientes dos pais de uma relação simbiótica, impedindo desta maneira que ele atinja a autonomia pós-adolescência. A parentalização é tida como um requisito importante para o funcionamento familiar funcional e para a manutenção de uma hierarquia familiar (subsistemas de pais e filhos claramente delineados). A parentalização diz sobre a assimilação ou atribuição do papel parental a um ou mais filhos de um sistema familiar e/ou a assunção deste papel por parte do filho. Implica, como se pode constatar, a um modo de inversão de papéis que está relacionado com uma perturbação das fronteiras geracionais<sup>25</sup>.

Nas famílias com filhos parentalizados, pode-se supor que as necessidades dos pais não foram satisfeitas por seus próprios progenitores e que o desejo de vê-las satisfeitas se transfere aos próprios filhos. A parentalização é, assim, uma modalidade de delegação. “A parentalização é um componente do núcleo regressivo de relações caracterizadas por um grau de reciprocidade e equilíbrio e implica a distorção subjetiva de uma relação”<sup>26</sup>. A parentalização gera uma inversão nas relações familiares, e quando ela ocorre de uma maneira muito precoce e rígida passa a ser preocupante, pois aprofunda uma carência e gera sentimentos de revolta, por se ter que fazer algo para o que ainda não se está muito preparado. A parentalização sem dúvida gera muita insegurança e está associada a situações traumáticas frequentes quando pensamos em famílias com membros alcoolistas e representa um obstáculo para a eclosão de padrões resilientes<sup>26</sup>.

Sem dúvida, é através dos subsistemas que o sistema familiar diferencia e realiza suas funções<sup>26</sup>. O adolescente assume importante papel no subsistema filial. Segundo este autor, o subsistema conjugal é referência para o crescimento dos filhos. A expressão das interações cotidianas é para os filhos, modelo para suas relações futuras. O

que a criança vê, sente, percebe, fará parte de suas expectativas e valores ao entrar e contato com o mundo exterior<sup>35</sup>. Nesse prisma, se há alguma disfunção significativa dentro do subsistema conjugal, toda família será atingida. Por outro lado, se acreditarmos na existência de mecanismo resilientes em contextos familiares adversos, teremos mais recursos teóricos e clínicos para lidar com o desafio de promover saúde para adolescentes em formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem da resiliência representa grande desafio epistemológico, já que implica em uma mudança de olhar. O enfoque em fenômenos resilientes corrobora uma proposta redefinidora que busca antes de tudo romper com o viés “negativo” e reducionista de algumas tradições epistemológicas que têm adotado o ceticismo diante de expressões salutogênicas de indivíduos, grupos ou comunidades.

É importante, entretanto, assinalar os riscos de filhos de alcoolistas assumirem múltiplos papéis na adolescência, o que acaba por onerar o processo de desenvolvimento. Desempenhar todos estes papéis impede este adolescente de individualizar-se e caminhar rumo à construção de uma identidade própria, já que enfrenta um terrível conflito entre o status e o estatuto<sup>29</sup>. Este atraso ou obstáculo no amadurecimento significa não apenas perda de tempo para o adolescente, mas representa o acúmulo de sequelas psicológicas profundas ou o adiamento oneroso de uma relação madura e saudável com a vida, o que aumenta o risco de repetição transgeracional de patologias.

Quando tratamos da resiliência, é interessante pensar na responsabilidade da sociedade em promover maiores espaços de saúde, de criatividade, de encontros, de falas, de crescimento para adolescentes. A relação interpares, também muito citada, é fundamental, porque gera sentimentos de pertença e de prazer. A escola poderia ser diferente, é o que os adolescentes almejam. É patente o desejo de se vivenciar a escola enquanto lugar de liberdade, de acolhimento dos sonhos e de real aprendizagem. A própria subjetividade representa também um grande recurso para estes

adolescentes, na medida, em que uma autoestima positiva deve viabilizar a realização de sonhos e a vivência de uma maior confiança nas relações interpessoais<sup>5</sup>.

Conclui-se que é notória a necessidade de ressaltarmos a fertilidade do conceito de Resiliência na Psicologia, já que esse conceito descortina um campo de reflexão altamente prático e com vasta aplicação. O conceito de resiliência encontra ressonância na abordagem psicopedagógica de adolescentes e rompe com fortes vieses patologizantes da psicologia clássica. Ressaltamos, entretanto, que se trata de conceito construído de forma sócio-histórica, impregnado de valores culturais e sociais específicas do ambiente analisado<sup>35</sup>.

Há ainda que considerarmos as influências de gênero sobre este tema. A literatura alerta para a existência de possíveis correlações entre gênero e resiliência<sup>36</sup>, ao enfatizar o fato de que meninas são mais competentes socialmente e empáticas do que os meninos. Da mesma forma, crianças mais empáticas tendem a serem mais competentes socialmente do que as outras, o que aumenta o potencial criativo e resiliente destas crianças<sup>36</sup>. Neste sentido, para compreender a extensão do conceito de resiliência é necessário considerar sempre o contexto social e cultural dos adolescentes abordados, na medida em que os valores sociais acabam por delinear o padrão de resposta e a vivência de papéis dos mesmos na sociedade.

Observa-se entre filhos de alcoolistas vivências emocionais diferenciadas em função da questão de gênero. A presença de traço fóbico expresso através de sentimentos de insegurança se diferencia em função do gênero: os meninos sentiam mais medo do futuro, da vida e da repetição do fracasso paterno, enquanto as meninas direcionavam sua insegurança para relacionamentos afetivos e na dificuldade de obter intimidade nas relações. O desafio de estimular a resiliência entre filhos de alcoolistas deve contemplar estas diferenças<sup>5</sup>.

Considerando a amplitude das pesquisas sobre resiliência, e as controvérsias a respeito do conceito em si, sugerimos também que sejam realizados levantamentos e revisões da literatura focalizados em temas específicos, tais como aqueles indicados nas categorias deste trabalho.



## REFERÊNCIAS

1. Sher KJ. Psychological Characteristics of Children of Alcoholics. *Alcohol Health Res & Res World* . 1997; 21(3): 247-54.
2. Koller S, Cecconello, A. Competência Social e Empatia: Um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 2000; 5(1): 71-93.
3. Souza MT. Resiliência Psicológica: Revisão da literatura e análise da produção científica. *Revista Interamericana de Psicologia*. 2006; 40(1): 119-126.
4. Walsh F. Fortalecendo a Resiliência Familiar, Ed. Roca, SP: 2005. p. 34.
5. Trindade EMV. Filhos de Baco: Adolescência e sofrimento psíquico associado ao alcoolismo paterno. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF:2007.
6. West MO. Parental Alcoholism and Childhood Psychopathology. *Psycholog Bull*. 1987; 102: 204-18.
7. Merikangas KR.; Leckman JF.; Prusoff BA.; Pauls DL.; Weissman MM. Transmission of Depression and Alcoholism. *Archiv Gen Psychiatr*, 1985; 42; 367-2.
8. Christensen HB. Behavioural and Emotional Problems in Child of Alcoholic Mothers and Fathers. *Eur Child Adolesc Psychiatry*, 2000; 9: 219-26.
9. Hill SY; Locke J; Lowers L; Connolly J. Psychopathology and Achievement in Children at High Risk for Developing Alcoholism. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*, 1999; 38: 883-91.
10. Furtado E F- Estudo longitudinal prospectivo sobre risco de adoecimento psiquiátrico na infância e alcoolismo paterno. *Rev Psiq Clin* 2002; 29(2): 71-80.
11. Tavares JA resiliência na sociedade emergente. Em J. Tavares (Org.), *Resiliência e Educação* São Paulo: Cortez. 2001. p. 43-75.
12. Yunes AM, Szymanski H. Em J. Tavares (Org.), *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez. 2001. p. 13-42.
13. Yunes MAM. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicol. estud.* [online], 2003; 8 Suppl [cited 2009-02-11]: 75-84.
14. Ravazzola MC. Resiliências Familiares. Em A. Melilli & E. N. S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência Descobrimo as Próprias Fortalezas* (V. Campos, Trad. ) (pp 11-15). Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 2001). 2005.
15. Ferreira ABH. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. (3ª ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999.
16. Halpern SC. O abuso de substâncias psicoativas: repercussões no sistema familiar. *Pensando famílias*. 2002; 3: 120-5.
17. Walsh F The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family Process*. 1996; 35, 261-281.
18. Werner EE. Resilient offspring of alcoholics: a longitudinal study from birth to age 18. *Journal of Studies of Alcohol*, 1986; 47: 34-40.
19. Grotberg EH. Introdução: Novas Tendências em Resiliência. Em A. Melilli & E. N. S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência Descobrimo as Próprias Fortalezas* . (V. Campos, Trad.) (pp.11-15). Porto Alegre: Artmed (Original publicado em 2001), 2005.
20. Palmer N. Resilience in adult children of alcoholics: A nonpathological approach to social work practice. *Health and Social Work*. 1997; 22 (3): 201-209.
21. Sarti C. A Família como Ordem Simbólica. *Psicologia USP*. 2004;15 (3), 11-9.
22. Ausloos G. A competência das famílias. *Tempo, caos, processo*. Lisboa: Climepsi, 1996.
23. Walsh F Fortalecendo a Resiliência Familiar . (M. F. Lopes. Trad.). São Paulo: Roca (Original publicado em 1998), 2005.
24. Bauer J. O Alcoolismo e As Mulheres. Contexto e Psicologia. (C. de Souza, Trad.). São Paulo: Cultrix , 1982.

25. Castro HM, Silva Filho WM. Avaliação do Programa de Atenção ao Alcoolista no Município de Carapicuíba. *Temas*. 1993; 23(46): 141-175.
26. Boszormenyi- Nagy I, Sparks G. *Invisible Loyalties*. New York: Harper Row. 1976.
27. Steinglass P. *La Família Alcohólica*. Barcelona: Gedisa, 1989.
28. Bulacio BJ. Las toxicomanías y su relación con las instituciones. Em B. J. Bulacio, A. E. S. Calabrese, H. R. Catani, J. L. González, S. Julio, C. Rapoport, L. F. Rivera & N. E. Vallejo, *El problema de la drogadicción. Enfoque interdisciplinario*. (pp. 51-103). Buenos Aires: Paidós, 1988.
29. Fishman HC. *Tratamiento de adolescentes con problemas. Un enfoque de Terapia Familiar*. Buenos Aires: Paidós, 1989.
30. Penso A. *Dinâmicas Familiares e Construções Identitárias de Adolescentes Envolvidos em Atos Infracionais e com Drogas*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, 2003.
31. Sudbrack MF. *Da falta do pai à busca da lei: o significado da passagem ao ato delinqüente no contexto familiar e institucional*. 1992; *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 1992; 8 Suppl: S447-457.
32. Souza JDE, Jeronymo DV, Carvalho AMP. *Maturidade emocional e avaliação comportamental de crianças filhas de alcoolistas*. *Psicologia em Estudo*. 2005; 10(2):191-199.
33. Costa LF. *E Quando Acaba em Mal me Quer? Reflexões acerca do Grupo Multipfamiliar e da Visita Domiciliar como Instrumentos da Psicologia Clínica na Comunidade*. Brasília: Universa, 2004.
34. Stamm M. *Quebrando o Silêncio no cuidado Transdimensional a Mulheres Alcoolistas em Família*. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2005.
35. Satir V. *Terapia do grupo familiar*. (A. Noli, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed. (Original publicado em 1967), 1976.
36. Minuchin S. *Famílias: Tratamento e Funcionamento*. (J. A. Cunha, Trad). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1980), 1982.

---

Este texto foi retirado da Tese de Doutorado “Filhos de Baco: Adolescência e Sofrimento Psíquico Associado ao Alcoolismo Paterno” realizada pela primeira autora, orientada pela segunda autora, e defendida em maio de 2007 perante o Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.